

# A GEOGRAFIA EM RIO CLARO – SÃO PAULO : A TRAJETÓRIA DE UMA ESCOLA

Silvio Carlos Bray<sup>1</sup>

## Introdução

A interiorização dos cursos de nível universitário-estatal, público e gratuito no Estado de São Paulo-Brasil, passou a ser solicitados pelas comunidades interioranas, a partir da segunda guerra mundial. Várias cidades que se destacavam, trabalhavam via movimento das instituições comunitárias, para conseguirem a implantação de sua faculdade..

Rio Claro, foi um desses municípios que desde 1947 através de um projeto de lei da Assembléia Legislativa do Estado, criou a Faculdade de Ciências Econômicas, entretanto a mesma, não chegou a ser implantada.

Mas, foi a partir dos anos 50 que o movimento do interior começa a se concretizar. No início dos anos 50 foram aprovadas e implantadas pelo governo do Estado de São Paulo as Faculdades de Medicina em Ribeirão Preto e a de Engenharia em São Carlos, como extensão da Universidade de São Paulo no interior. Também, foram encampadas pelo governo do Estado as Faculdades particulares de Odontologia de Araraquara e de Ribeirão Preto, que se mantiveram como Institutos Isolados (não estavam vinculados à USP), - onde só no final da década de 60 e meados da década de 70, a Odontologia de Ribeirão Preto passou a integrar a USP e a de Araraquara a UNESP.

Na interiorização dos cursos de nível superior em São Paulo existiam as correntes favoráveis e as contrárias, uma vez que muitos intelectuais achavam que o interior não comportava tais faculdades.

Apesar das forças contrárias, as comunidades interioranas organizavam-se e lutavam junto à Assembléia Legislativa e ao governo do Estado para tal intento. Dentro do contexto da época, Buschinelli (1988,9) coloca o seguinte:

“Não foi, entretanto, fácil ao deputado Maurício dos Santos a aprovação da Lei- que criava a Faculdade de Filosofia , Ciências e Letras de Rio Claro- Suas dificuldades foram muitas, sendo a principal delas relacionada com as objeções que então se faziam quanto à interiorização do ensino superior, com o argumento de que sua

---

<sup>1</sup> Dedico o referido texto à memória dos mestres Prof. Dr. João Dias da Silveira e Prof. Dr. Antonio Christofolletti

eficiência estava na dependência de sua localização na capital., sendo o interior inadequado para sediar-lo”.

Foi nessa luta de várias cidades do interior de São Paulo, aliado à necessidade de professores com a expansão do ensino secundário oficial e as escolas normais, que no governo do Dr. Jânio da Silva Quadros, foram criadas e implantadas as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras estaduais, públicas e gratuitas interioranas.

Assim, entre 1957 e 1959, foram criadas e instaladas as Faculdades de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro, Assis, Araraquara e Presidente Prudente.

A respeito da criação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro, Buschinelli (1988,11/12) diz:

“Foi o epílogo de um trabalho coletivo, iniciado pelos estudantes e professores de nível médio e apoiado por todas as forças político-sociais da cidade, que se tornava realidade.(...) Entre a criação de uma Faculdade e sua instalação e funcionamento há muitas vezes uma longa expectativa que poderá terminar em frustração. Diversas faculdades foram criadas em Lei e não foram instaladas”.

Assim, o Sr. Governador Jânio da Silva Quadros , nomeou para instalar a Faculdade de Rio Claro, o geógrafo Prof. Dr. João Dias da Silveira, catedrático de geografia física e ex-vice diretor da Faculdade de Filosofia. Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Em 27 de fevereiro de 1958, foi nomeado o Prof. Dr. João Dias da Silveira para exercer a função de diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro. Foi fundamental o apoio da Prefeitura através do trabalho e esforço dos prefeitos Augusto Schmidt Filho e Argemiro Maurício Hofling e da Câmara Municipal quanto aos imóveis e a área necessária para a instalação da futura faculdade. Temos que destacar a colaboração da Indústria Cia. Cervejaria Rio Claro (família Scarpa) com os equipamentos do mobiliário, caracterizando também o apoio da iniciativa privada para uma instituição pública de ensino superior.

A faculdade foi oficialmente inaugurada em 27 de setembro de 1958, com os cursos de História Natural, Geografia, Pedagogia e Matemática e aprovados pelo MEC, através do decreto nº. 45.269, de 20 de janeiro de 1959. Assim, o curso de geografia de Rio Claro iniciou as suas atividades totalmente dentro das normas estabelecidas pela legislação federal em 16 de março de 1959.

### **Prof. Dr. João Dias da Silveira: um humanista-progressista**

A antiga faculdade de Rio Claro (hoje UNESP) deve muito ao espírito batalhador do Prof. Dr. João Dias da Silveira. Analisando o seu discurso de formatura como paraninfo da

primeira turma de formandos em 15 de março de 1963 , publicado no trabalho de Buschinelli (1988, 106/118) dizia o seguinte:

“(...) Sou um homem de origem humilde, ainda que honesta. A sociedade que me circunda, todavia, abriu-me suas portas, deu-me oportunidade, permitiu-me o progresso, apoiou-me e amparou-me na construção de minha vida.(...) Disfarçar-me no anonimato, não assumir as responsabilidades para as quais com sacrifício me prepararam, vender-me ao egoísmo e às ambições próprias dos fúteis, pareceu-me sempre, a caracterização da mesquinhez. Ao contrário, dar de mim o máximo possível se me afigurou permanentemente, a única atitude para corresponder ao meu sentimento de gratidão.

(...) Escolhendo o campo da Educação, para minha contribuição, obedeci, ao lado de vocação pessoal, à convicção , sempre presente em mim, de ser esse setor importante para o qual nossa gente carece de dedicações. Estou convencido de que muitos de nossos problemas não mais existirão quando nossa sociedade alcançar, culturalmente, nível alto. Naturalmente vos falo de educação capaz de produzir cultura realmente humana, capaz de cada vez mais, despertar no homem, a condição de humano. O lema escolhido para nossa escola “Doctior ut humanior” (Douto com humanidade)”

A figura humanista do Dr. João ou Prof. Silveira, ou Silveira para os mais íntimos, caracterizava o espírito das faculdades de filosofia, onde o Dr. João era o representante maior, pela sua prática como administrador e professor.

Com esse espírito científico e humanista, o Dr. João primava pela qualidade da Instituição do que pela quantidade e dizia:

“Não se pode, que eu saiba, construir boa engrenagem, se as peças componentes forem de má qualidade. (...) Na cegueira dominante, chega-se a propor planos de emergência para a educação, como se a formação de um intelectual pudesse dispensar o fator tempo, necessário a meditação. Arruma-se fórmulas milagrosas para poder o homem pensar mais depressa. Deseja-se submeter as atividades do espírito ao ritmo acelerado com que se serve ao corpo e se obtém a produção em série. Esquece-se, embora o neguem , que o essencial no campo do saber , é saber bem.(...) Quando aqui cheguei, pedi aos rioclarenses para que não tivessem pressa com sua escola. Disse-lhes que não precisávamos de mais uma escola, (...) Desde seus primeiros dias a Faculdade contou com o apoio de pessoas ilustres e de nobres instituições. (...) Dentro da faculdade uma plêiade de batalhadores, composta por docentes, funcionários e alunos, que lutaram e lutam pela escola, pois a transformaram em seu ideal.(...)A honestidade em ciência, porém, pede mais, e principalmente, melhor compreensão. (...) É preciso considerar – nas ciências os progressos não resultam de trabalhos isolados , mas são resultantes de labor realizado por toda a parte e através de gerações. Mais do que pelas novidades oferecidas, nos impomos, no campo

científico, pela continuidade de nossa atividade.(...)Também fui moço e observei muito os jovens. Sei existir na juventude “ímpeto criador”, vontade incontável de reformar, e até sem maldade, de erigir novos edifícios, esquecendo, às vezes, legados preciosos. Por causa dessa pressa, muitas vezes as ciências são obrigadas a voltar às normas injustamente abandonadas, a exumar teorias, de afogadilho, tidas como ultrapassadas. Avaliemos, isso sim, nossos títulos com sinceridade. É preciso temer a vaidade e desconfiar da genealidade fácil. Em outras ocasiões já disse – Não vejo as faculdades de filosofia como canteiros mágicos nos quais, em cada primavera colhem-se braçadas de gênios. Quantos não gênios mas geniosos, embalam-se no doce cantar de seus admiradores primários e por esta razão perdem-se, sendo também perdas para a ciência.

(...) Na vida intelectual convém não nos apressarmos para sermos julgados. O verdadeiro, o sincero julgamento a nosso respeito só será feito pela posteridade, se tivermos nos interessado pela humanidade e ela por nossa obra se interessar. A verdade pretendida, descoberta pelo cientista, é alegria efêmera, se não contribuir para o integrar em sua humanidade. Para que serve a ciência se não nos humaniza?”

O Dr. João, de sólida formação humanista-cristã, também deixava transparecer valores filosóficos do tomismo, onde dizia:

(...) “O intelectual digno, porém, sabe que a vida espiritual, pelo que lhe permite criar para o bem comum, pela satisfação íntima que lhe proporciona, cobra como paga, renúncias ao conforto do corpo, às posses e às ostentações. Mercê de Deus, o poder dos verdadeiros condutores do progresso humano nunca se transformou em supremacia, mesmo aparente, sobre seus semelhantes.”

O Prof. Silveira deixou-nos também o legado, da liberdade de pensamento e posicionamento, onde coloca:

“Para desempenhar toda a vossa missão, é mister manter-vos independentes, é mister defender vossa liberdade e ela será, não duvidai, atacada por muitas ervas daninhas. Ides para a luta com as armas dadas pela instrução e, por isso, sois homens livres. É mister não baixar tais armas. A educação, desde que honrada, é instrumento de independência mental.”

### **As Primeiras cadeiras do Curso de Geografia**

No início do curso de geografia na Faculdade de Rio Claro, tivemos as primeiras cadeiras com os seus titulares e assistentes.

O Professor Dr. João Dias da Silveira teve a incumbência de criar na F.F.C.L. de Rio Claro uma escola de alto nível. Dentro desse espírito, foi criado e instalado o curso de geografia. Através do relatório enviado pelo Prof. Dr. João Dias da Silveira, então diretor, ao governador Dr. Jânio da Silva Quadros, apontava que:

“Vossa Excelência, entretanto, antes de nos manifestássemos, declarou que o convite era para dirigirmos a instalação de uma Faculdade de alto nível e em linhas renovadoras”.(Buschinelli, 1988)

Assim, dentro do espírito de edificar uma Faculdade de alto nível e renovadora, o Prof. Dr. João Dias da Silveira continua o seu relatório dizendo:

“A experiência que temos obtido na Universidade de São Paulo e a que adquirimos visitando e estudando a organização de universidades estrangeiras, em particular européias, leva-nos a convicção que na estruturação de uma faculdade moderna deve haver maior centralização do que aquela que ocorre nos nossos institutos de ensino superior. A excessiva multiplicação de cadeiras isoladas, autônomas, porque não dizer, comumente fechadas entre si, bem como o extraordinário acervo de direitos conferidos aos professores catedráticos são a nosso ver fatores de dispersão de esforços, confusão nos estudos, ao mesmo tempo que oneram de modo excessivo e desnecessário a atividade educacional. (...) Todos esses fatos nos levam a preconizar um sistema diverso, qual seja a instituição de departamentos nos quais se reúnem, sob uma mesma direção, todas as atividades afins. A instituição de departamentos ao lado de fazer baixar o custo do Instituto (menor possibilidade de aquisição de duplicatas desnecessárias e menor número de docentes e funcionários) tem ainda a vantagem de determinar a formação de equipes homogêneas capazes de levar adiante trabalhos de pesquisa em conjunto.

(...) Outra medida por nós adotada e que para uma escola de alto nível consideramos fundamental foi a instituição do tempo integral para os docentes, com a obrigação dos mesmos residirem no domicílio do Instituto.

(...) É indispensável que se forme no Instituto um ambiente de estudo e de cooperação intelectual e, para isso, se impõe a presença constante dos docentes, com o regime de dedicação plena os professores poderão acompanhar seus estudos nas pesquisas que deverão ser feitas. No ensino superior a pesquisa pelos estudantes se impõe menos talvez pelo valor de tais pesquisas, mas porque só através delas os estudantes podem avaliar com precisão a objetividade dos métodos e ter o sentido exato das afirmações científicas e filosóficas, compreendendo a complexidade que representam. Por outro lado, as investigações e as conseqüentes divulgações dos problemas de alta cultura constituem condição fundamental para que um Instituto Universitário não se fossilize.

(...) Professores sem tempo integral tendem a olhar suas atividades docentes como atividades secundárias.”

No Relatório em questão, segundo Buschinelli (1988,26 a 29), o Prof. Dr.João Dias da Silveira solicita ao governador do estado, a necessidade dos primeiros docentes para o curso de geografia:

“02 professores em regime de tempo integral

03 professores primeiro assistentes em tempo integral de

Geografia Física

Geografia Humana

Geografia Econômica

01 professor primeiro assistente em tempo integral

Geologia

01 professor adjunto (Antropologia)

01 auxiliar de ensino (trabalhos práticos)

01 professor de História em tempo integral”

Os primeiros professores do curso de geografia que aceitaram o convite e se transferiram definitivamente para Rio Claro foram:

Cadeira de Geografia Humana – Catedrática Elza Coelho de Souza Keller, Professora de geografia Humana da Faculdade de Filosofia da Universidade do Distrito Federal e geógrafa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Instrutora de Ensino – Maria Cecília França, Licenciada em Geografia pela Universidade de São Paulo.

Cadeira de Cartografia e Topografia – Catedrático Linton Ferreira de Barros, Professor do Curso de Meteorologia do Instituto Tecnológico de Aeronáutica, Especialista em Aerofotogrametria e geógrafo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Cadeira de Antropologia – Catedrático Prof. Dr. Fernando Franco Altenfelder Silva, Livre-Docente em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná, Especialista em Arqueologia.

Cadeira de História Moderna e Contemporânea – Catedrática Jeanne Berrance de Castro, Licenciada em História e Geografia pela Faculdade de Filosofia “Sedes Sapientie” da Universidade Católica de São Paulo.

Cadeira de Geologia – Catedrático Prof.Dr. João Ernesto de Souza Campos, Professor do curso de Geologia e Professor Assistente do Departamento de Mineralogia e Petrografia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Cadeira de Geografia Física – Cadeira que foi ocupada pelo Prof. Miguel Alves de Lima e que se encontra vaga.

Auxiliar de Ensino – Aída Osthoff Ferreira de Barros.(Buschinelli, 1988)

Podemos perceber que desde o início,o curso de geografia de Rio Claro, buscou docentes em várias instituições diferenciadas, que continuou anos afora, fugindo da tradicional endogenia existentes em várias instituições universitárias do país.

No início da faculdade a legislação existente previa o funcionamento com o critério de “cadeiras”, não existindo os departamentos.

Algumas cadeiras inovaram os critérios tradicionais de avaliação e fiscalização das provas. Os alunos recebiam individualmente um envelope fechado com as questões e folhas de papel oficial, timbrado, para as respostas. As respostas das questões eram elaboradas onde o aluno desejasse, inclusive em sua própria residência, o famoso “código de honra”.

### **A Organização Didática e Administrativa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro**

A organização didática e administrativa da faculdade de Rio Claro, foi sancionada pelo governador do Estado através da Lei no. 7.642 de 21 de dezembro de 1962, com veto de vários artigos. Entretanto o Prof. Dr. João Dias da Silveira pleiteou nova discussão junto à Assembléia Legislativa .

Assim, tendo a sua reivindicação atendida em 28 de janeiro de 1963, a Lei no. 7.749 foi promulgada.

A Lei no. 7.749, de 28 de janeiro de 1963 abrangia a organização didática e administrativa da Faculdade e dá outras providências.

Ente os objetivos principais da Faculdade, “formar pesquisadores e professores para o magistério de nível médio e superior”. (Buschinelli, 1988)

Dos cursos referidos na lei, a Faculdade de Rio Claro organizará e ministrará os de : Matemática, História Natural, Geografia, Pedagogia , Física e Ciências Sociais. Nesse sentido, foram criadas as seguintes cadeiras de geografia:

Geografia Física

Geografia Humana

Geografia do Brasil

Aerofotogrametria e Fotointerpretação

Cartografia e Topografia

Essas cadeiras formaram o novo Departamento de Geografia, com um Centro Especializado de Estudo, denominado Centro de Pesquisas Regionais. Tanto os departamentos como os centros tinham um regimento próprio, com regulamento, pessoal e verba próprios. (Buschinelli, 1988)]

Os cargos existentes eram os de Professor Catedrático, Professor Associado e Professor Assistente. Os catedráticos e associados eram de provimento efetivo e os assistentes, de provimento em comissão.

Os cargos de assistentes eram de indicação do professor catedrático. Entretanto, o assistente que não obtivesse o título de Livre-Docente ou de Doutor dentro de (cinco) anos, a contar de sua nomeação, será automaticamente exonerado. (Buschinelli, 1988)

Essa obrigatoriedade em relação aos assistentes, favoreceu o desenvolvimento de pesquisas nas várias cadeiras, aumentando a produção científica , como também, na melhor titulação do corpo docente do Departamento de Geografia, como produto de um centro de pesquisadores. Essa preocupação acompanhou o Prof. Dr. João Dias da Silveira desde o início da faculdade, organizando um curso em tempo integral , inclusive com aulas aos sábados. Por outro lado, o cuidado e a dedicação quanto à biblioteca da Faculdade, transformada numa das melhores bibliotecas de geografia do país. Sem uma boa biblioteca não formaríamos bons alunos e não teríamos um bom centro de pesquisa. Assim, a experiência científica da catedrática Elza Coelho de S. Keller, do Prof. Dr. João Dias da Silveira, do catedrático Linton Ferreira de Barros. A contratação do catedrático Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro advindo do IBGE e Universidade Federal de Santa Catarina ,para a cadeira de Geografia Física, o Prof. Dr. Antonio Rocha Penteado (Universidade de São Paulo) e posteriormente o Prof. Dr. José Ribeiro de Araújo Filho (Universidade de São Paulo) ocupando a cátedra de Geografia do Brasil, o Prof. Dr. Dirceu Lino de Mattos com a cátedra de Geografia Econômica e posteriormente o Prof. Dr. Ary França ocupando a

cátedra de Geografia Humana. Vários professores assistentes alunos e ex- alunos da Universidade de São Paulo foram convidados: Maria Cecília França, Liliana Laganá Fernandes, Jurgen Richard Langenbuch, Antonio Olívio Ceron, Lívia de Oliveira (Didática) e João Antonio Rodrigues. Também como professor assistente foi convidado o ex-aluno da Universidade Federal de Sergipe José Alexandre Felizola Diniz, Olga Cruz da Universidade Federal de Santa Catarina, Antonio Christofolletti da Universidade Católica de Campinas. Com um corpo docente com catedráticos experientes do Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE) e da Universidade de São Paulo, criou-se em Rio Claro um ambiente propício para a formação e desenvolvimento de pesquisadores, onde os alunos participavam das várias pesquisas desenvolvidas nas cadeiras do departamento.

Sobre o assunto Langenbuch (1983, 2) diz:

“A procedência dual desse elenco docente foi extremamente benéfica para o futuro do Departamento e do curso de Geografia, pois ensinou a seus alunos e discípulos o contato simultâneo com a Geografia mais acadêmica desenvolvida na USP e aquela mais técnica praticada no IBGE. Esses primeiros professores tiveram papel decisivo no estabelecimento das diretrizes que passariam a nortear as atividades didáticas do Departamento, bem como na abertura de linhas de pesquisa, logo engrossadas por novos adeptos. Entre outros méritos, os referidos mestres notabilizaram-se pela introdução de novos enfoques, de adoção ainda rara no Brasil, quer no ensino quer na pesquisa. Assim, L.F. Barros implantou o ensino sistemático da Aerofotogrametria, sustentado com intensos trabalhos práticos; C.A.F. Monteiro, em suas aulas de climatologia, adotou a ótica da Climatologia Dinâmica, enquanto E.C.S. Keller formou e liderou numeroso grupo de pesquisa devotado ao estudo do uso da terra rural a partir da interpretação de fotografias aéreas, com controle de campo.”

Assim, os primeiros assistentes das cadeiras começaram a surgir com os alunos das primeiras turmas da geografia de Rio Claro nos anos 60, como: Margarida Maria Penteado, Antonio Vítório Lorenzon Filho, Helmut Tropfmair, Miguel César Sanchez, Walter Cecílio Brino, Roberto Lopes de Moraes, Pérola Emília Liberato, Rui Nunes, Elizabeth Greta Arens, Nilza Maria Brunini Frandi e Silvia Sellingardi Sampaio.

Assim, boa parte dos assistentes contratados nos anos 60, radicaram-se em Rio Claro, onde desenvolveram as suas carreiras acadêmicas.

Também, Langenbuch (1983, 3) destaca o seguinte:

“(...) a Geografia rioclarense sempre pôde contar com o apoio e a colaboração de outros expoentes do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, entre os quais destacaríamos Aziz Nacib Ab'Saber e Pasquale Petrone, atuando como orientadores de doutoramentos, membros de bancas examinadoras ou conferencistas.

No mesmo espírito, vários professores do Departamento de Geografia de Rio Claro, entre os quais A O Ceron, H. Troppmair, L. de Oliveira, M.C. Sanchez e R. Nunes, passaram a colaborar com o novel curso de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Catanduva, mantida pelo poder público desse município paulista. Alguns anos mais tarde, Maria Helleny Fabbri de Araújo, licenciada em Geografia por Rio Claro, tornar-se-ia diretora dessa faculdade municipal, reforçando assim os vínculos acadêmicos entre as duas instituições.”

De acordo com as palavras de Langenbuch (1983, 3):

“Logo no início da década de 1960 fundou-se em Rio Claro um “núcleo municipal” da Associação dos Geógrafos Brasileiros, subordinado à Seção Regional de São Paulo dessa entidade. Esse “núcleo municipal”, que por longo tempo foi o único do estado (...) Era o canal através do qual o trabalho desenvolvido no Departamento de Geografia de Rio Claro passava a ser difundido em primeira mão entre os geógrafos do Brasil e, por extensão, nos meios científicos do país. A participação dos geógrafos rioclarenses foi se avolumando durante os primeiros anos da década de 1960, chegando a ser bastante maciça por ocasião do II Congresso Brasileiro de Geógrafos (Rio de Janeiro), com a apresentação de numerosos trabalhos. Entre eles destacou-se pela originalidade, vulto e repercussão aquele trazido a lume pela equipe de estudo do uso de solo rural baseado em fotos aéreas, com controle de campo (...) Liderado por E.C.S. Keller, que fez a apresentação da metodologia, era integrado também por A. Ceron, A.V. Lorenzon Fo., J.F. Diniz, M.C. Sanchez e P.E. Liberato, cada qual respondendo especificamente pela análise de um ou dois municípios paulistas.”

Os alunos do curso de geografia liam e participavam das teses e das pesquisas desenvolvidas pelos professores. As aulas de campo através das “excursões didáticas” sempre caracterizaram e foram marcas importantes na formação dos alunos, através do ônibus da Faculdade (ônibus antigo com motor de caminhão saliente) equipado para aulas e anotações - substituído a partir dos anos 70 por ônibus mais modernos. Esse conjunto de fatores e elementos, transformou a geografia de Rio Claro em pouco tempo, num importante e produtivo centro de pesquisa geográfica no estado e de referência no país, com um corpo docente altamente qualificado e dedicado aos seus alunos, principalmente nas orientações à pesquisa e na participação e elaboração de seminários. É tradição na geografia de Rio Claro, a existência de um grande número de professores orientadores e orientandos, com variadas linhas e variados projetos de pesquisa em andamento.

O ensino e a pesquisa sempre caminharam juntos na escola de geografia de Rio Claro. O sonho de um geógrafo idealista como o Prof. Dr. João Dias da Silveira, havia se concretizado na faculdade e no departamento de geografia de Rio Claro.

Com a criação da Universidade de Campinas (UNICAMP), a Faculdade de Rio Claro passou a integrar aquela Universidade por um curto período de 1967 a 1968, quando a faculdade desligou-se da UNICAMP e passou a ser novamente Instituto Isolado do Ensino Superior, até a instalação da UNESP em 1976. As primeiras teses de doutorado da geografia de Rio Claro, entre 1967 e 1968, foram defendidas quando a Faculdade era incorporada pela UNICAMP, onde Langenbuch (1983, 4) destaca as teses no período:

“L. Oliveira – “Contribuição ao ensino de Geografia”, A O Ceron – “Aspectos Geográficos da cultura da laranja no município de Limeira, J.R. Langenbuch – “A Estruturação da Grande São Paulo”, M.M. Penteadó – “Geomorfologia do setor centro-ocidental da Depressão Periférica Paulista”, A Christofolletti – “O fenômeno morfogenético no município de Campinas (SP)” e Helmuth Troppmair – “Considerações naturais e alguns aspectos da geografia agrária do município de Descalvado (SP). O enunciado dos títulos das teses retrata o ecletismo dos assuntos abordados, embora figurem com maior destaque tópicos subordinados à geomorfologia e geografia Agrária, disciplinas que manteriam essa relativa preponderância nas pesquisas realizadas daí por diante.”

No final da década de 60, o curso e o Departamento de Geografia encontravam-se consolidados em relação ao período anterior de implantação e colheita dos primeiros frutos.

E sobre o assunto Langenbuch (1983, 3) diz:

“Infelizmente, já não se contava mais com a maior parte dos primeiros professores titulares de cadeiras, os quais, um após outro, haviam reassumido os cargos que detinham junto a entidades localizadas em São Paulo e no Rio de Janeiro. Deles, apenas J.D. Silveira continuaria entre nós, até que seu falecimento, ocorrido em 1973, privasse seus amigos, colegas e discípulos de seu agradável e proveitoso convívio.”

### **Os anos 70: A AGETEO , A UNESP e o Mestrado em Geografia**

No início dos anos 70, alguns docentes e licenciados do curso e Departamento de Geografia, passaram a desenvolver estudos de uma nova corrente filosófica-científica, de influência neopositivista, que denominaram de geografia teórica e quantitativa .

Vários recém doutorados do curso de geografia como os Professores Antonio Christofolletti, Livia de Oliveira, Antonio Olívio Ceron, Alexandre Felizola Diniz e Pérola Emília Liberato e ex-alunos e bolsistas de pesquisa do Departamento José Carlos Godoy Camargo, Sérgio dos Anjos Ferreira Pinto, Lúcia |Helena de Oliveira Gerardi e Elide Aparecida Chizzotti fundaram em março de 1971, em Rio Claro, a Associação de Geografia Teórica (AGETEO).

A AGETEO, teve um papel importante através do “Boletim de Geografia Teorética”, fundado em 1971 e posteriormente da “Geografia”, fundada em 1976, na divulgação de dezenas de trabalhos de pesquisadores de Rio Claro e outros centros geográficos do país, que aderiram à nova orientação teórico-metodológica. Sobre o assunto Langenbuch (1983, 5) ressalta que:

“Com efeito, a partir de 1970, vários de seus docentes aderiram entusiástica e ruidosamente à “Geografia Quantitativa” e a enfoques correlatos, tais como a “Teoria dos sistemas Gerais” e sua aplicação à geografia etc, provocando o desencadeamento de uma série de eventos acadêmicos, que em seu conjunto caracterizaram acentuadamente a vida departamental no início dos anos 70.

Inicialmente, esse grupo de professores organizou uma série de reuniões informais, de realização periódica, nas quais cada qual expunha o resultado de suas leituras a respeito do assunto, seguindo-se debates.

(...) Nesse sentido, Rio Claro colocou-se lado a lado com geógrafos do IBGE em posição de vanguarda na propagação da Geografia Quantitativa no Brasil, o que sem dúvida contribuiu para maior projeção dos professores diretamente envolvidos e, por extensão, do Departamento de Geografia, no cenário científico brasileiro. Todo esse trabalho era alvo tanto de louvores como de críticas: atitudes opostas que refletem o modo dividido, quase maniqueísta, com que a maioria dos geógrafos se posicionava diante da mencionada tendência.”

A nova tendência da filosofia neopositivista trouxe novos elementos de análise e várias críticas à geografia tradicional de influência positivista –funcionalista, onde as questões metodológicas e epistemológicas passaram a ser temas de estudos , debates e de encontros.

Por outro lado, o “Boletim de Geografia Teorética “ e a “Geografia”, contribuíram com o intercâmbio com revistas nacionais e internacionais, e Langenbuch (1983, 6) demonstra que:

“Através das duas publicações, a AGETEO mantém intenso intercâmbio com outras instituições, abrangendo não apenas o Brasil, mas também 46 outros países, recebendo em troca os periódicos por elas publicados. Dessa forma, chegam à Associação exemplares de praticamente todas as revistas geográficas nacionais, além de 125 títulos de periódicos ou publicações seriadas procedentes do exterior. Todo esse precioso material é doado e incorporado ao acervo da Biblioteca Central (...), contribuindo para que sua coleção de revistas geográficas seja uma das mais ricas do Brasil”.

A preocupação com o acervo da Biblioteca de Geografia sempre foi uma preocupação desde as primeiras cadeiras do Departamento, mas o papel desempenhado pelo Prof. Dr. Antonio Christofolletti com a nossa biblioteca, foi admirável.

A geografia de Rio Claro já consolidada continuava com novos doutoramentos e com os primeiros concursos de livre-docência nos primeiros anos da década de 70.

De acordo com Langenbuch (1983, 4 e 5) temos o seguinte:

“As teses de doutoramento foram as seguintes, na ordem cronológica de sua defesa: M.C. Sanchez – ‘Os municípios de São Pedro e Charqueada: aspectos de sua geografia agrária’; Lúcia H. Gerardi (licenciada por Rio Claro e contratada no próprio período em questão) – ‘Contribuição ao estudo sistêmico da atividade agrícola : o caso da Alta Paulista’; W.C. Brino – ‘Contribuição à definição climática da bacia do Corumbataí e adjacências, dando ênfase à caracterização dos tipos de tempos e Silvia Sellingardi Sampaio – ‘Geografia industrial de Piracicaba : um exemplo de interação indústria-agricultura’.

Eis as livre-docências, igualmente em sequência cronológica, com os títulos das teses sustentadas em uma das provas dos respectivos concursos: A Christofolletti – ‘Análise morfométrica das bacias hidrográficas do Planalto de Poços de Caldas, MG’; J.F. Diniz – ‘Aplicação da análise fatorial na elaboração de uma tipologia agrícola na Depressão Periférica Paulista’; A O Ceron – ‘Tipos de agricultura e sua regionalização no Setor Norte – Ocidental do Estado de São Paulo’; Helmuth Troppmair – ‘Estudo zoogeográfico e ecológico das formigas do gênero Atta (Hymenoptera), com ênfase sobre a Atta Laevigata (Smith, 1958) no Estado de São Paulo’ e J.R. Langenbuch – “Os agrupamentos secundários de lojas e serviços em São Paulo”.

Podemos perceber que em algumas teses de doutorado e livre-docência do período, caracterizavam nos seus títulos, um novo posicionamento metodológico da geografia, através da geografia teórica e quantitativa de caráter neopositivista.

No ano de 1971, o Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo iniciava o seu curso de Pós-Graduação, com o mestrado e doutorado nas áreas de concentração em geografia física e geografia humana, sendo o primeiro mestrado e doutorado em geografia no Brasil. No ano de 1973, 03 docentes do Departamento de Geografia, foram convidados para fazerem parte do curso de Pós-Graduação na USP, nas duas áreas de concentração, os professores doutores Antonio Olívio Ceron, Antonio Christofolletti e Helmuth Troppmair.

Com a aposentadoria, falecimento e a saída de alguns professores, foram contratados no período, Lúcia Celória Poltronieri e Antonio Carlos Tavares, que haviam defendido os seus mestrados na Universidade de São Paulo.

## **1976: A Criação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e a geografia de Rio Claro**

Com a criação da UNESP em janeiro de 1976, os Institutos Superiores Isolados do Estado de São Paulo, passaram a compor a nova Universidade. Os novos dirigentes da nova universidade comprometidos com a ditadura militar e investidos do acordo MEC-USAID, passaram a extinguir cursos nas Faculdades de Filosofia, buscando a centralização de dois ou três cursos num único local, através de uma regionalização fabricada de acordo com os interesses daqueles dirigentes, com todos os serviços afins, num só lugar. Além desses fatos, tivemos a caça às bruxas através de um macartismo estúpido, provocando um clima de terror e realizando um grande estrago em dezenas de Departamentos das antigas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, principalmente na área das humanidades, inclusive destruindo e enterrando as suas histórias.

Nesse contexto foi extinta a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro. Rio Claro ficou sem os cursos e Departamentos de Pedagogia e Ciências Sociais, perdendo um grande acervo da arqueologia e antropologia regional, e os professores foram sumariamente deslocados para Araraquara. Por outro lado, os professores da matemática de Araraquara foram deslocados para Rio Claro.

Também, o curso e o Departamento de Geografia de Franca foi extinto, quando formava os seus primeiros doutores e foram transferidos para Rio Claro os professores doutores Adistão Marcon e Antonio Cláudio Branco Vasques e posteriormente a professora Maria Juraci Zani dos Santos. Os professores Ademir Luiz Cezar e Odeibler Santo Guidugli vieram da Faculdade de Filosofia de Marília e Marta Maria Barreto Guidugli, da Faculdade de Filosofia de Assis.

A Faculdade de Filosofia de Rio Claro foi desdobrada em dois “Institutos”, o de “Biociências” e o de “Geociências e Ciências Exatas”. O curso e Departamento de Geografia e Planejamento, passou a compor juntamente com os cursos e Departamentos de Geologia, Matemática e Física o novo Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Nesse período foram contratados para o Departamento de Geografia os professores José Carlos de Godoy Camargo, Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado e Herbert Silvio Pinho Halbsgut. Também, o Departamento Ciências Sociais, foi transferido o professor Wilson Jacomini para ministrar as aulas de sociologia e antropologia.

Sobre o assunto, Langenbuch (1983,7) coloca que:

“Se essa reestruturação foi prejudicial para muitos, foi no entanto benéfica para a geografia de Rio Claro, pois permitiu considerável reforço em seu corpo docente”.

Também Langenbuch (1983, 7) vai salientar o seguinte:

“Um fato marcante foi a criação do curso de pós-graduação em Geografia, antigo anseio do Departamento, viabilizada através da gradativa titulação de seus docentes (...) Com a área de concentração ‘Organização do Espaço’, o curso começou a funcionar, em nível de mestrado, no ano de 1977, sendo credenciado pelo Ministério da Educação e Cultura no ano subsequente. Além de ter seu corpo de professores e orientadores composto pela maioria dos membros do Departamento de Geografia portadores do título de doutor ou superior, o novo curso pôde contar com a valiosa colaboração de docentes dos campi de Araraquara, Botucatu e Presidente Prudente da UNESP, compreendendo não apenas geógrafos, mas também economistas, cientistas sociais e agrônomos. Dentre os docentes da casa, A Christofoleti, AO Ceron e Helmuth Troppmair já traziam experiência anterior no campo, já vinham colaborando com o curso de pós-graduação em Geografia ministrado na Universidade de São Paulo”.

A partir de 1978, os professores da Universidade que possuíam cadeira no ensino secundário oficial do Estado, foram obrigados pela Reitoria a abandonarem as suas cadeiras ou prestarem concurso na UNESP, colocando os seus cargos à disposição. A partir de 1978, vários professores fizeram os seus concursos colocando os seus cargos à disposição até a Constituinte de 1988. Colocar os seus cargos à disposição significava que se perdessem o 1º. lugar no concurso, estariam fora dos Departamentos cujos cargos eram destinados. Todos os docentes efetivos na UNESP, até 1988, tiveram que obedecer a legislação.

No ano de 1979, o Departamento de Geografia e Planejamento contratou o professor Ariovaldo Umbelino de Oliveira do IPT-USP, sendo o primeiro mestre a difundir entre os alunos, os fundamentos do materialismo histórico e dialético na geografia de Rio Claro, que se antepunha aos positivismos e neopositivismos na geografia brasileira.

### **Os Anos 80 ; As Departamentalizações da Geografia Rioclarense e a criação do Doutorado**

Nos início dos anos 80 continuaram as transferências de professores de outros campi da UNESP para Rio Claro. Em 1980, foram transferidos de Presidente Prudente, Silvio Carlos Bray, Maria Beatriz Soares Pontes, Silvana Maria Pintaudi e Myrna Therezinha Rego Vianna. Em 1981, o professor Alcyr Azzoni veio da UNESP de Araraquara, e foi contratada a professora Mirian Cecília Rolim Prochnow.

Nesse contexto, com a ampliação de professores o Departamento de Geografia e Planejamento, foi dividido em duas partes. Sobre o assunto Langenbuch (1983, 9) descreve o seguinte:

“Visando atingir de modo mais efetivo os objetivos colimados, Antonio Olívio Ceron (então diretor do Instituto), contando com a adesão de vários membros do Departamento, propõe sua divisão, concretizada em 1981, dela resultando o “Departamento de Geografia’ e o ‘Departamento de Planejamento Regional’. Esse processo foi viabilizado pelo número e titulação dos professores que integravam a antiga unidade, atendendo aos requisitos exigidos pelo estatuto da UNESP.”

O Departamento de Geografia continuava ocupando as suas instalações e o departamento de Planejamento Regional passou a ocupar a antiga instalação da Geologia, que havia se transferido para o novo campus “Prof. Dr. João Dias da Silveira” no bairro Bela Vista .

O Departamento de geografia ficou assim constituído, Professores titulares efetivos: Helmuth Troppmair e Jurgen Richard Langenbuch ; Professor Adjunto: Lívia de Oliveira; Professores Assistentes Doutores: Adistão Marcon, Antonio Claudio Branco Vasques, Maria Juraci Zani dos Santos, Odeibler Santo Guidugli, Sílvia Selingardi Sampaio, Walter Cecílio Brino; Professores Assistentes: Alcyr Azzoni, Antonio Carlos Tavares, José Carlos Godoy Camargo, Lígia Celória Poltronieri, Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado, Marta Maria Barreto Guidugli e Myrian Cecília Rolim Prochnow. O corpo técnico administrativo contava com o desenhista Gilberto Donizete Henrique e o secretário José Rodrigues da Conceição.

O Departamento de Planejamento Regional ficou composto: Professores Titulares Efetivos: Antonio Christofolletti e Antonio Olívio Ceron; Professores assistentes Doutores: Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Lúcia Helena de Oliveira Gerardi, Miguel Cezar Sanchez e Silvio Carlos Bray ; Professores Assistentes: Maria Beatriz Soares Pontes, Myrna Therezinha Rego Vianna, Silvana Maria Pintaudi, Wilson Jacomini (sociologia e antropologia) e Herbert Silvio Pinho Halbsgut. A secretaria foi ocupada por Ercy Patrizi Jorge e posteriormente contou com o desenhista Arnaldo Rosalém.

Com a departamentalização e a vinda de mais docentes para Rio Claro, novas linhas de pesquisas e diversas correntes teórico-metodológicas conviviam na geografia.

Entre 1982 e 1983, veio transferido para o Departamento de Planejamento Regional do campus de Botucatu, o professor de aerofotogrametria e sensoriamento remoto Gilberto Garcia. Também foi contratada pelo Departamento a professora Liliana Bueno dos Reis Garcia (história) , Cláudio Antonio de Mauro, geógrafo do Projeto Radam/Brasil. No mesmo ano, o Departamento de Geografia contratou a professora Maria Eliza Cazzonato Carvalho.

Também, no ano de 1982 foi criado a ‘Revista de Geografia da UNESP’, e a respeito do assunto Langenbuch (1983, 9) diz:

“Para tanto, desenvolveu-se um trabalho conjunto entre os geógrafos atuantes nos Campi de Presidente Prudente e Rio Claro. Desse esforço e do apoio recebido por parte dos

setores competentes da UNESP, mantenedores de cursos de Geografia, nos parece altamente auspiciosa (...).”

No início do ano de 1983, foi fundada a Associação Rioclarense de Geografia (ARGE), que iniciou suas atividades produzindo fascículos avulsos, assegurando a rápida divulgação dos trabalhos produzidos.

Um dos fatos de maior importância para a geografia de Rio Claro nesse período, foi o início do curso de doutorado em 1983, sendo o 2º curso de doutorado em Geografia implantado no país. Com o mestrado e o doutorado amplia-se a influência da pós-graduação de Rio Claro em todas as regiões do país e da América Latina, recebendo alunos do México, Cuba, Chile, Argentina e outros.

Rio Claro, desde a década anterior vinha coordenando encontros nacionais e internacionais, como a Reunião do Comitê de Geomorfologia do Instituto Panamericano de Geografia e História, realizado conjuntamente com o 1º Simpósio de Geomorfologia sob a Coordenação de Antonio Christofolletti em 1977. No ano de 1979, sob a Coordenação de A. Ceron e L. Gerardi, foi realizado em Águas de São Pedro o 2º Encontro Nacional de Geografia Agrária.

Em 1982, foi realizado sob a coordenação de A. Christofolletti, por ocasião da Conferência Regional Latino Americana da União Geográfica Internacional o Encontro de três Grupos de Trabalho da entidade voltados para a Geomorfologia e Livia de Oliveira foi organizadora em Curitiba da Reunião da Comissão de Geografia e Educação do referido evento.

No ano de 1987, sob a coordenação de A. Ceron, foi organizado o 1º Encontro de Geógrafos da América Latina em Águas de São Pedro, e atualmente já se encontra no 10º Encontro a ser realizado em São Paulo em 2005.

Nos anos 80 continuaram as contratações de docentes para os dois departamentos da área geográfica. O Departamento de Geografia contratou no período os professores Ana Tereza Cáceres de Moraes, Myrna Lígia Vieira, Sandra Elisa Pitton, Fadel David Antonio Filho, Adler Guilherme Viadana e vieram transferidos de Presidente Prudente Enéas Rente Ferreira, Solange Terezinha de Lima e Armando Pereira Antonio.

No mesmo período o Departamento de Planejamento Regional contratou, os professores José Antonio Ronchesel, Antonio Pires Neto, Iandara Alves Mendes, geógrafa do projeto Radam/Brasil, Samira Peduti Kahil, Manuel Rolando Baldomero Berrios, Nádia Regina do Nascimento, o arquiteto Pompeu Figueiredo de Carvalho, os engenheiros cartógrafos Amândio Teixeira e Maria Isabel Castreghini de Freitas, e o especialista em aerofotogrametria e sensoriamento remoto Natálio Felipe Kofler, do Planalsucar.

Em 1987, foi criado no Departamento de Planejamento Regional, o Laboratório de Análises de Formações Superficiais e que muito tem contribuído com teses e pesquisas desde a iniciação científica.

Com várias contratações da área cartográfica e do sensoriamento remoto, o Departamento de Planejamento Regional foi dividido no ano de 1988, surgindo o Departamento de Cartografia e Sensoriamento Remoto, que continuou a funcionar no mesmo prédio do Departamento de Planejamento Regional.

O Departamento de Planejamento Regional ficou com a seguinte composição: Professor Titular Efetivo: Antonio Olívio Ceron, Professores Assistentes Doutores: Lucia Helena de Oliveira Gerardi, Maria Beatriz Soares Pontes, Miguel Cezar Sanchez e Silvio Carlos Bray; Professores Assistentes: Cláudio Antonio de Mauro, Iandara Alves Mendes, Nádia Regina do Nascimento, Manuel Baldomero Rolando Berrios, Myrna Therezinha Rossi Rego, Pompeu Figueiredo de Carvalho, Samira Peduti Kahil, Silvana Maria Pintaudi, Liliana Bueno dos Reis Garcia e Wilson Jacomini. Secretária Georgina Casseb, desenhista Arnaldo Rosalem e a técnica Sueli Teodoro de Souza.

O Departamento de Cartografia e Análise da Informação Geográfica, ficou assim constituído: Professor Titular Efetivo: Antonio Christofolletti e Gilberto José Garcia; Assistente Doutor: Amandio Teixeira, Natálio Felipe Kofler; Professor Assistente: Maria Isabel de Freitas Viadana e Ailton Luchiari. Secretária Rosemeide Franchin e desenhista Ellen Prochnow.

Em 1988, o Departamento de Cartografia e Análise da Informação Geográfica, criou os Laboratórios de Geoinformática e o de Sensoriamento Remoto.

No ano de 1989, foi criado o Centro de Análise e Planejamento Ambiental, constituindo-se como Unidade Auxiliar do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, congregando vários pesquisadores das áreas geográficas principalmente da cartografia e sensoriamento remoto.

### **Dos anos 90 até os dias Atuais: Ampliação dos Laboratórios e os Convênios Nacionais da Pós-Graduação em Geografia**

A partir dos anos 90, além das mais diferentes titulações conquistadas pelo corpo docente da área geográfica na carreira acadêmica, tivemos a criação de vários laboratórios e novas edificações no campus “ Prof. Dr. João Dias da Silveira” no bairro Bela Vista.

O CEAPLA construiu a sua sede no novo campus com 850m<sup>2</sup> em 1990, e além de instalar vários laboratórios, abrigou o novo Departamento de Cartografia e Análise da Informação Geográfica.

No CEAPLA, foi implantado o Laboratório de Geoprocessamento, com equipamentos avançados, que processam as informações- SIGs, Sistemas de Informação Geográficas. O Laboratório compreende duas partes: a Interpretação de imagens de satélites e fotografias aéreas e a Cartografia Digital, dando suporte sistemático aos cursos de pós-graduação.

Em 1990, foi criado no Departamento de Planejamento Regional, o Laboratório de Planejamento Municipal, gerando várias pesquisas voltadas para as políticas públicas e promovendo vários encontros, seminários e publicações.

Também, no mesmo ano o Departamento de Geografia, fundou o Laboratório de Climatologia, instalando uma rede de postos meteorológicos e coleta, na cidade de Rio Claro e Região, desenvolvendo estudos de climatologia urbana.

Foi aprovado o convênio entre a pós-graduação de Geografia de Rio Claro –UNESP, com a pós-graduação de geografia da Universidade de Sergipe-Aracaju, através da CAPES, a extensão do doutorado de Rio Claro para Aracaju, nos anos de 1992 a 1994, formando vários doutores em geografia para as Universidades do Nordeste. Foi uma experiência eficaz com o crescimento de ambas as partes. Dado o sucesso da referida parceria, no ano de 1999, foi aprovado o convênio entre a UNESP de Rio Claro e a Universidade Federal de Santa Maria no Rio Grande do Sul , através do mesmo sistema aprovado pela CAPES, a extensão do mestrado em geografia.

Em 1992, foi implantado no CEAPLA, o Laboratório de Análises Meteorológicas e Climatologia Aplicada e em 1993 foi instalada a Estação Meteorológica, que passou a operar em 1994, em convênio com a Prefeitura Municipal, dentro das Normas da Organização Meteorológica Mundial, para a categoria de primeira ordem. Tem observação, coleta e análise dos principais elementos meteorológicos de superfície. Posteriormente foram implantados o Laboratório de Produção de Material Didático e Núcleo de Educação Continuada.

Também, no mesmo ano, o Departamento de Planejamento Regional, implantou o Laboratório de Estudos Urbanos e Ambientais, colaborando com várias pesquisas do referido departamento; o Departamento de Geografia, instalou o Laboratório de Apoio ao Estudo da Geografia, contribuindo para a elaboração e confecção de material didático.

Com o fortalecimento do setor Cartográfico e Sensoriamento Remoto, foi criado em 1994, mais uma área de concentração na pós-graduação da geografia denominada de Análise da Informação Espacial.

Em função, das aposentadorias e desligamentos de vários docentes, novos docentes foram contratados, mas num ritmo bem inferior aos anos anteriores, tendo em vista os problemas da administração da Universidade, uma vez que a partir de 1989, as Universidades Públicas

do Estado de São Paulo, passaram a receber as suas cotas do ICMS estabelecidas pela Assembléia Legislativa e gerir os recursos, destinados a elas.

O Departamento de Cartografia contratou no período, os docentes Sarita Diana Hamburger, José Flávio de Moraes Castro, Marcos César Ferreira e Magda Adelaide Lombardo (aposentada pela USP).

O Departamento de Geografia contratou os professores João Affonso Zavatini, Miguel Gomes Vieira ( transferido da UNESP de Presidente Prudente), Auro Aparecido Mendes (transferido da UNESP de Franca), Anderson Luiz Hebling Christofolletti , Paulo Roberto Teixeira de Godoy e Angelo Martins de Souza Junior.

O Departamento de Planejamento contratou, Antonio Carlos Gaeta, Roberto Braga, Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro Oliveira, Cenira Maria Lupinace da Cunha e o pesquisador Geraldo Muller.

Em 1997, foi inaugurado no campus “Prof. Dr. João Dias da Silveira”, o prédio da pós-graduação em Geografia, dando aos professores, funcionários e aos alunos da pós-graduação melhores condições de trabalho e um ambiente agradável para realização das pesquisas do mestrado e doutorado.

A Geografia de Rio Claro, continuou trabalhando e organizando vários encontros de projeção nacional.

Em 1994, foi realizado novo Encontro Nacional de Geografia Agrária em Águas de São Pedro, coordenado pela Lúcia H. de O Gerardi, também, no mesmo período ocorreu o Encontro Nacional de Geografia Urbana coordenado pela Silvana Pintaudi.

Em 1999, foi realizado o 1º. Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, coordenado por Silvio Bray.

No ano 2000, foi realizado juntamente com a Unicamp, o Encontro Nacional de Geomorfologia. Também, através da coordenadação da Livia de Oliveira o Encontro sobre “Paisagem”.

Em 2004, foi organizado o Seminário Internacional sobre “Globalização”, sob a coordenado de Élon Silva Pires.

Entretanto, em função dos problemas orçamentários da universidade, através de aposentadorias e desligamentos, a área geográfica perde mais docente do que contrata. Assim, foi extinto o Departamento de Cartografia e Análise da Informação Geográfica que

fundiu-se com o Departamento de Planejamento Regional, formando o novo departamento de Planejamento Territorial e Geoprocessamento em 1999.

Até setembro de 2004, a pós-graduação em geografia havia produzido, através da área de concentração em Organização do Espaço, 95 teses de doutorado e 209 dissertações de mestrado e a área de concentração em Análise da Informação Espacial, 11 doutorados e 17 mestrados.

Atualmente o departamento de Geografia é composto pelos seguintes professores: professor titular efetivo: Maria Juraci Zani dos Santos, professores adjuntos: Antonio Carlos Tavares, José Carlos de Godoy Camargo, Odeibler Santo Guidugli, Adler Guilherme Viadana, João Affonso Zavattini, Ana Tereza Cáceres Cortes, professores assistentes doutores: Anderson Luiz Hebling Christofolletti, Auro Aparecido Mendes, Enéas Rente Ferreira, Fadel David Antonio Filho, Myrna Lígia Vieira, Sandra Elisa Contri Pitton, Solange Terezinha de Lima Guimarães, Sílvia Aparecida Guarnieri Ortigoza, Paulo Roberto Teixeira de Godoy e Ângelo Martins de Souza Junior. Secretário José Rodrigues da Conceição, desenhista Gilberto Donizete Henrique, técnicos Rita Gromone e Carlos Prochnow .

O Departamento de Planejamento Territorial e Geoprocessamento é composto pelos seguintes docentes: professores adjuntos: Magda Adelaide Lombardo Fruehauf , Pompeu Figueiredo de Carvalho e Sérgio dos Anjos Ferreira Pinto, professores assistentes doutores: Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro Oliveira, Cenira Maria Lupinacci da Cunha, Élson Luciano da Silva Pires, Maria Isabel Castreghini de Freitas, Manuel Baldomero Rolando Berrios Godoy, Roberto Braga, Silvana Maria Pintaudi e o pesquisador Geraldo Muller. Secretária Elisabete Aparecida Ortiz de Camargo Francioli, desenhista Arnaldo Rosalem e a técnica Suely Teodoro de Souza Martins.

Gostaríamos de salientar que nesses 46 anos, a geografia de Rio Claro-UNESP, produziu trabalhos nas mais diferentes áreas e metodologias, criando dezenas de linhas de pesquisa, indo desde a biogeografia, geomorfologia, cartografia, climatologia, agrária, urbana, industrial, história do pensamento, ensino, etc.

## REFERÊNCIAS

BUSCHINELLI, A. (1988) – Subsídios para uma avaliação futura do ensino superior oficial de Rio Claro, Rio Claro.

LANGENBUCH, Jurgen R. (1983) – Os Vinte e Cinco Anos da Geografia em Rio Claro, Revista de Geografia, Vol. 2, Publicações UNESP, São Paulo.